



## PERSPECTIVAS DE ENSINO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA EM ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO EM ACARAPE E REDENÇÃO-CE

Fabiane Alves Dos Santos<sup>1</sup>  
Marceliana Maria Dos Santos Milhome<sup>2</sup>  
Juliana Geórgia Gonçalves De Araújo<sup>3</sup>

### RESUMO

A história da língua portuguesa pode ser compreendida de diferentes perspectivas. A principal abordagem que tem sido realizada nas escolas é a partir de uma visão eurocêntrica e romantizada, embasada no discurso do colonizador na qual a língua portuguesa teve origem no Latim e em seguida foi levada para África e América, desconsiderando as transformações da língua pelo contato com os povos africanos e indígenas. Desse modo, a partir da disciplina História da língua portuguesa do curso de Letras língua portuguesa da UNILAB, ministrada pela professora Dra. Juliana Geórgia, foi realizada uma pesquisa com um grupo de professores e professoras de língua portuguesa em escolas do ensino médio em Acarape e Redenção - CE, com o objetivo de investigar a partir de qual perspectiva os professores compreendem e abordam a história da língua portuguesa em sala de aula. A metodologia empregada foi a entrevista através do WhatsApp, na qual os professores responderam algumas perguntas relacionadas à sua compreensão acerca da língua portuguesa. Os resultados mostram que, de modo geral, os professores buscam trazer uma abordagem decolonial, com foco nas contribuições dos povos indígenas e africanos, mas infelizmente há barreiras do sistema educacional que estabelece currículos fixos e conteúdos obrigatórios impedindo o docente de inovar nos conteúdos e metodologias.

**Palavras-chave:** história da língua portuguesa; ensino; decolonialismo; sistema educacional.

---

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, alves.fabiane333@gmail.com<sup>1</sup>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, marcelianamilhome@aluno.unilab.edu.br<sup>2</sup>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente, jgeorgia.araujo@unilab.edu.br<sup>3</sup>



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a partir de qual perspectiva os professores compreendem e abordam a história da língua portuguesa em sala de aula, em escolas públicas de ensino médio de Acarape e Redenção-CE.

A história da língua portuguesa pode ser compreendida de diferentes perspectivas. A principal abordagem que tem sido realizada nas escolas é a partir de uma visão eurocêntrica e romantizada, embasada no discurso do colonizador na qual a língua portuguesa teve origem no Latim e em seguida foi levada para África e América, desconsiderando as transformações da língua pelo contato com os povos africanos e indígenas. Essa abordagem tem como base a história única a partir da perspectiva do colonizador, como enfatiza Fuly (2022), as distorções da verdadeira história dos povos colocadas em narrativas hegemônicas entre jovens e adultos, ocasiona a mentira e o perigo das histórias únicas, visto que, essas pessoas são deslocadas de sua cultura para adentrar numa literatura sem ter a noção de que, como sujeitos reais, também podem ocupar o lugar de legitimidade nessas histórias. A partir dessa concepção, Fuly também destaca que o eurocentrismo não é apenas um pensamento do colonizador, mas se torna daqueles que recebem educação sob sua hegemonia.

Baseado nos postulados, percebe-se a importância das abordagens decoloniais como forma de trazer a representatividade para a sala aula e um dos aspectos que merecem atenção são as variações linguísticas brasileiras que em muitos casos, devido à imposição da norma padrão no ambiente escolar, são tratadas como erros mas na verdade podem ser explicadas pelo contato da língua portuguesa com as línguas africanas que enriqueceram o português brasileiro, por exemplo, a troca do som L pelo R. Essa discussão é feita pela antropóloga negra brasileira Lélia González ao cunhar o termo Pretuguês para descrever as marcas da africanização no português brasileiro.

O apagamento das línguas africanas e indígenas em situação de colonização, se dá pois “no período das descobertas, as línguas não europeias são consideradas difíceis, defeituosas, sem racionalidade.” (MARIANI, 2004, 2007a, 2007b apud MARIANI, 2008, p.73) Desse modo, é importante desconstruir esse pensamento desde a educação básica, trazendo outras perspectivas de ensino e aprendizagem. Portanto, na metodologia do trabalho visamos coletar dados acerca da atuação docente no ensino médio e perceber as abordagens que são realizadas em sala de aula sobre a temática e os desafios enfrentados pelos professores no que diz respeito à descolonização do processo de ensino.

## METODOLOGIA

Neste trabalho utilizou-se o método qualitativo de pesquisa, no qual a coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas com dois professores da EEMTI Maria do Carmo Bezerra, localizada em Acarape-CE e um professor da EEMTI Dr. Brunilo Jacó, em Redenção-CE. As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma WhatsApp, composta por quatro perguntas, sendo elas:

1. Em qual ano e universidade você se formou?
2. Você já ouviu falar sobre a língua bantu? O que sabe sobre o assunto?
3. Como é repassado em sala de aula a história da Língua Portuguesa? É possível encontrar alunos que tenham pensamento colonial frente ao assunto? E caso tenha, qual metodologia utiliza para descolonizar esse pensamento?
4. Em sala de aula, a respeito da variação linguística, costuma falar de línguas que contribuíram para a formação do português brasileiro, como as línguas dos povos indígenas e africanos?



A partir dos questionamentos foi possível analisar o processo de formação acadêmica associado aos métodos de ensino dos professores, considerando que durante a formação são construídas as bases teóricas que irão determinar as metodologias adotadas pelo docente em sala de aula, ou seja, se o ensino será realizado em um perspectiva decolonial ou eurocentrada. Desse modo, se o docente passa por um processo formativo no qual não são abordadas as diferentes perspectivas históricas no sentido decolonial, a tendência é reproduzir a história única do colonizador. Como destaca Fully (2022), “o perigo da história única retrata como nosso conhecimento é formado, e formatado, e que tipo de narrativas permeiam nosso consciente e subconsciente, que nos levará a criar a imagem que temos de cada povo”(p.42) E é com base nessas imagens e narrativas que o ensino será realizado. A seguir, serão analisadas as entrevistas de modo a entender como se dá o ensino da história da língua portuguesa na etapa do ensino médio.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas foram realizadas com três professores do ensino médio, o entrevistado 1 concluiu sua graduação em 2017, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB, assim como o entrevistado 2, o entrevistado 3 graduou-se em 2016 na Universidade Federal do Ceará-UFC. Quando indagados acerca do conhecimento sobre as línguas Bantu, percebe-se que os professores formados na UNILAB possuem conhecimento sobre o assunto, mesmo que de maneira superficial, relatando que houve a abordagem dessa temática em disciplinas optativas, a partir das quais foi possível entender que as línguas Bantu têm origem no continente africano e que o português brasileiro carrega marcas dessas línguas. Não houve relatos do estudo das línguas Bantu na disciplina de História da língua portuguesa. O entrevistado 3, cuja graduação foi concluída na UFC, afirma não ter ouvido falar sobre o assunto. A partir do que foi dito, percebe-se a necessidade de incluir as contribuições das línguas africanas para a formação e o enriquecimento do português brasileiro como eixo estruturante da história da língua portuguesa na ementa da disciplina, ou seja, como parte da carga horária obrigatória e não como algo pontual a ser visto em disciplinas optativas.

Acerca das atuações enquanto docentes da educação básica, os entrevistados, de modo geral, afirmam que a abordagem em sala de aula da história da língua portuguesa não se dá de maneira aprofundada, uma vez que há a limitação dos conteúdos estabelecidos no currículo das escolas, desse modo, é possível trabalhar esse conteúdo, superficialmente, em turmas do primeiro ano. Além disso, o entrevistado 3 relata que essa temática não é contemplada no material didático, nesse caso, ele optou por trabalhar as origens do português em Portugal até chegar ao Brasil, a partir do estudo da variação linguística, assunto previsto no currículo e cobrado nas avaliações externas. A fala do entrevistado 2 corrobora com a fala anterior, ou seja, apenas quando tratam da variação linguística surge o espaço para falar sobre a história da língua.

No que se refere à descolonização do pensamento dos discentes, o entrevistado 1 afirma que “o que usamos para desconstruir algumas visões racistas e preconceituosas, é pensarmos na história do Brasil com as mãos que realmente construíram nosso país e nossa história.” Isso implica trazer o conhecimento sobre as línguas e culturas dos povos indígenas e africanos, assunto que todos os entrevistados afirmam abordar durante as suas aulas. O entrevistado 1 declara que no seu contexto de ensino utiliza o panorama de línguas faladas no Brasil, para além do português, e em todos os níveis o professor busca contribuir para que os alunos conheçam as variações, construindo uma perspectiva de valorização dos povos indígenas e africanos.



O entrevistado 2 relata que na disciplina de língua portuguesa, quando aborda as variações linguísticas, não há foco na questão histórica, mas sim no uso da língua em situações de formalidade e informalidade. Entretanto, considerando o contexto do Novo Ensino Médio, há maior espaço para a abordagem de autores indígenas e africanos contemporâneos em uma perspectiva literária, mas a abordagem linguística ainda não é realizada. A partir das entrevistas, percebe-se que os professores buscam trazer as temáticas para a sala de aula, mas infelizmente, há sempre as limitações do currículo estabelecido pela escola e dos materiais didáticos.

## CONCLUSÕES

Diante da realização da pesquisa, foi notório que algumas formações não contemplam a construção e formação da história da língua portuguesa. Apenas dois de três professores afirmam terem estudado sobre a língua bantu como disciplina optativa não sendo posta como uma disciplina obrigatória em grade curricular, e isso leva a indagar, enquanto profissional da educação, como um docente dentro de sala de aula trará como conhecimento ao discente todas as culturas e línguas que influenciam e formam o português brasileiro, isto é, será no sentido decolonial ou eurocêntrico? A formação continuada seria um ponto para essa mudança? Visto que essas atitudes vêm desde o ensino da educação básica, a resposta é que, se não enfatizada no ensino básico em disciplinas que regem a história da língua portuguesa a tendência é que se perpetue pensamentos eurocêntricos e pessoas que não se identificam com tal história se sintam excluídas por essa narrativa, mas que também poderiam ocupar lugar de sujeito.

A entrevista fez com que os professores, como no caso de um dos docentes da escola EEMTI Maria do Carmo Bezerra, refletisse acerca das questões trazidas em livros didáticos assim como questionamentos colocados por alunos na comparação entre o português falado em Portugal e o português brasileiro, ainda menciona que nas aulas de português os estudantes têm acesso a dois livros em que um é trabalhado questões intertextuais e o outro de português com enfoque em temáticas de línguas no geral mas de forma superficial. Com isso, é possível afirmar as fragilidades que ainda existem dentro do sistema de ensino que compõem a grade curricular de escolas, instituições estas que mesmo sendo integrais onde contam com a reforma de ensino parecem ainda não se preocupar com questões tão relevantes.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Juliana e às colaboradoras Josiane, Janiele e Cleude por terem nos orientado durante a realização do trabalho e aos entrevistados por terem se disponibilizado prontamente a participar da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

FULLY, Tatiana. Invisibilidade social e o direito de existir. In: \_\_\_\_\_. **Que história você quer contar? Caminhos para uma educação decolonial**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2022.

MARIANI, Bethania. **Da colonização linguística portuguesa à economia neoliberal: nações plurilingues**. Niterói, n.24, p.71-88, 2008.



Não  
Ouvim  
No Sil,  
Olu

# IX SEMANA UNIVERSITÁRIA

